

# Índio estilista tenta firmar-se em Brasília na alta-costura

*Ele saiu da pequena tribo funiô, no interior de Pernambuco, e tem orgulho das origens*

EDSON LUIZ

**B**RASÍLIA — Um novo nome tenta se firmar na alta-costura do Brasil. Sem a fama, mas com a vontade de alcançar a mesma habilidade de seu ídolo Clodovil Hernandez, Jair Funiô começa a despontar como a sensação das passarelas de Brasília. Não apenas como um bom costureiro, mas também por ser o primeiro índio estilista do País.

Jair, de 34 anos, saiu da pequena tribo funiô, em Águas Belas, no interior de Pernambuco, para ganhar o mundo da moda, e faz questão de preservar suas origens. "Ser índio é

ter orgulho", afirma.

Jair começou sua carreira aos 12 anos, ainda na tribo. "Comecei a cortar uns panos e, de repente, estava fazendo bermudas, camisas e tudo o mais", diz. De costureiro da família, Jair Funiô se transformou em estilista de toda a aldeia e em pouco tempo já era o preferido da sociedade de Águas Belas. "Fiz de tudo, desde ternos até roupas de festas para as mulheres de minha cidade."

**E**LE JÁ VESTIU  
EMBAIXATRIZES E  
MULHERES DA  
ALTA SOCIEDADE

Jair acredita que herdou a habilidade em lidar com as tesouras e máquina de costura de sua mãe Aguinélia, que morreu quando ele tinha 2 anos. "Minha família diz que ela era uma grande costureira", lembra o estilista, que hoje tem seu ateliê montado em uma pequena sala da sede da Fundação Nacional do Índio (Funai).

Jair vive há cinco anos em Brasília, mas faz questão de manter suas



Jair Funiô: "Fiz de tudo, desde ternos até roupas de festas para as mulheres de minha cidade"

tradições e não dispensa a reunião anual que os funiôs fazem no mês de setembro, em Águas Belas. "Faço questão de participar dessa festa, porque é ali que está meu povo", assegura o costureiro, que já vestiu embaixatrizes, funcionárias do alto es-

calão do governo e mulheres da alta sociedade do Distrito Federal.

Seu sonho é ganhar espaço na alta costura brasileira, como Clodovil, e levar a grife que criou — que leva seu nome — para o Rio, a cidade dos seus sonhos. "Um dia chego lá."

Jair diz que nunca sofreu preconceito na cidade ou na aldeia por ser costureiro. Mas ele admite que os índios ainda são discriminados e cita o pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado por jovens de Brasília. "Foi o pior dia de minha vida."

MODA

Roberto Castro/AE

17/18/1977  
A-27  
91